

AVE MARIA

ANO LVII

São Paulo, 25-Março-1956

NÚMERO 13



Como ficou triste e aflita a Mãe do Filho de Deus! Renovemos a nossa contrição, nesta Semana Santa, para consolar o Coração doloroso de Nossa Senhora.

Cumprimos promessas e agradecemos favores

CACHOEIRA PAULISTA — Da. Francisca Barbosa Mendes agradece a São Pio X uma graça alcançada.

RIO CLARO — Uma devota agradece a São Judas Tadeu graça recebida e implora a sua proteção.

TRÊS PONTAS — Da. Josina Ferreira Miranda agradece a Santo Antônio M. Claret uma graça alcançada.

OURO PRETO — Da. Maria Augusta Paiva Corrêa agradece a N. Sra. Aparecida e São Pio X a grande graça do êxito da operação de seu espôso.

ITATIBA — Da. Rita de Oliveira agradece a Santa Rita, São Dimas, São Judas Tadeu e Santo Antônio Maria Claret diversas graças que alcançou.

NA PAZ DO SENHOR

CRAVINHOS — Da. Albina Fracon.

BEBEDOIRO — Dr. Waldemar Gentil Ribas, confortado com todos os Sacramentos da Santa Igreja.

MUQUI — Sr. José Salatino.

PEDRALVA — Sr. João Carneiro de Rezende, confortado com todos os Santos Sacramentos da Igreja; era antigo assinante desta revista.

TRÊS PONTAS — Sr. Rafael Filardi.

AMPARO — Sr. Antônio Locks. — Da. Parfeirina M. Moraes.

SOCORRO — Sr. Frederico Oraggio.

BRAGANÇA PAULISTA — Sr. Frederico Paulinetti. — Sr. João Leme Filho. — Sr. Antônio Amaral Penteado. — Da. Isaura Leme Siqueira. — Da. Sílvia Pieroni Rossi.

ITATIBA — Da. Lúcia Debeta de Oliveira. — Sr. Licola Pette. — Sr. Júlio Pette. — Da. Vergínia Corradini. — Da. Luisa Rampasso. — Sr. Egidio Franco Neto. — Sr. Joaquim de Oliveira. — Da. Augusta Pereira Guimarães.

BELO HORIZONTE — Sr. Antônio Rodrigues Coletinha, com todos os Sacramentos da Santa Igreja.

Às exmas. famílias enlutadas nossos pêsames.

NOSSAS BOLSAS

AGRADECEM A SANTO ANTÔNIO M. CLARET e cumprem promessas, auxiliando as Vocações:

Da. Albertina Galvão, de Sorocaba. — Da. Benedita Ferreira, de Oliveira. — Da. Lola G. Araújo, de Jaú. — Da. Ema Boscoli, de Presidente Prudente. — Da. Júlia Primitiva dos Santos, de Guaratinguetá. — Da. Maria Angelina Sampaio, de Belo Horizonte. — Da. Josefina Cunha, de Belo Horizonte. — Devoto, de Guararapes. — Sr. Elias José Antunes, de Presidente Bernardes. — Da. Adelina Alves Ferraz, de Lorena. — Sr. Cândido Guimarães, de Piraju. — Irmã Maria Consolata, de Taquaritinga. — Da. Maria Celeste V. Resende, de São Paulo, diversas graças. — Da. Teresinha C. dos Santos, de Terra Roxa, duas graças. — Da. Mafalda Codo Dias, de Ubá. — Da. Carmen Chian, de Matão. — Devota, de Tietê. — Sr. Carlos Muffato Filho, de São João del Rei. — Da. Caliza Luchesi de Oliveira, de São Carlos, uma graça em seu favor. — Da. Marquilha Rodrigues, de Botucatu. — Sr. Salomão Saffi, de Bocaina. — Sr. Rubens Nogueira, de

Belo Horizonte, diversas graças. — Da. Maria Elídia Ribeiro, de Terra Roxa. — Devota, de Pedreira, diversas graças. — Da. Eunice Souza Pinto, de Sorocaba. — Da. Páscoa Z. Pelessari. — Da. Lúcia Picinelli, Sr. João Zambon e Da. Josefina Zambon, de Araras. — Sr. Marcelino Araújo e Da. Maria Deluz de Miranda, de Rezende. — Da. Maria Modolo, Da. Alzira Baineri e Da. Rosa Canal, de Itajuí. — Da. Maria Ifigênia Lopes, de Nova Lima. — Devota, de Pirassununga. — Da. Ofélia Guizzardi, de Pinhal. — Da. Delmira Neves, de Niterói. — Srta. Maria A. R. Leal, de Itatiba. — Da. Geni H. Oliveira, de Sorocaba. — Da. Mariela Mourão, Da. Rita e Da. Geraldina M. Lodes, de Pará de Minas. — Da. Maria do Rosário Modesto, de Sacramento. — Da. Dercl Ferreira, de Catanduva. — Sr. Ambrósio Vicente Maria e senhora, de Bel. Horizonte, várias graças. — Sr. Luís Gonzaga Santos, de Arcos. — Da. Lucília Costa da Silva, de Brusque. — Assinante, de São Paulo. — Da. Isaura A. Camargo e Da. Armedea Galli, Professor Batista, Da. Amélia de Castro Rodrigues, de São Paulo. — Da. Felicidade Patto Queiroz, de Tremembé. — Da. Nazira de Souza Klas, de São Paulo. — Bebedouro: Da. Mariana Bernardes da Silca, Da. Olívia Machado, Da. Sílvia Cruz Ortolan diversas graças. — Barretos: Da. Laudelina de Lima Franco, Da. Elisa Mizlara, Da. Maria Lombardi, Da. Hermelinda Lombardi, Da. Isaura Lemos, Da. Maria Aparecida Barcellos e Da. Maria Aparecida Mizlara. — Da. Noêmia Garcia Monteiro, de Cajobi. — Da. Carmelita Costa, de Guaraci. — Da. Almelinda Barroso, de Monte Alto. — Da. Helena Junqueira e Da. Lucrécia Hincks, de Colina. — Da. Maria Adelina Sendeler, de Laranjal Paulista. — Olímpia: Da. Antônio Sangirolami, Da. Diva Rambalolo, Da. Vitória Ventrusco Rambaloli, Da. Belmira Silva. — Da. Adalgisa Machado Vieira, de Natividade de Carangola. — Da. Sebastiana Pereira, de Lavras. — Sr. Moisés Alves, de Jejupe. — Major André Luís Baiano, de Belo Horizonte.

AVISO

FÉRIAS DA SEMANA SANTA

Por motivo dos feriados da Semana Santa, como é de praxe nesta Redação, "AVE MARIA" não sairá publicada na próxima semana.

Aos leitores desejamos os frutos copiosos e as santas bênçãos de Jesus Ressuscitado.



PADRES CLARETIANOS

ASSINATURAS:

Anual Cr\$ 50,00
Número avulso . . . Cr\$ 1,50

RED. E ADMIN.:

Rua Jaguaribe, 699
Telefone 51-1304 - Caixa 615

OFICINAS:

Rua Martim Francisco, 646-656
Telefone 52-1956

★ Pela primeira vez contemplará o povo a reforma introduzida, pela santa Igreja, na celebração desta Semana Maior. Não tratamos de fazer um comentário "ritual". Desejamos apenas destacar as linhas fundamentais de seu espírito.

A idéia dominante segue a mesma que antes das novas normas do "Decreto Geral". É vontade da Igreja que o povo acompanhe essas comemorações e se associe a elas de coração. Porque tão significativas cerimônias foram sempre estimadas pelo povo cristão, com a nova reforma procura-se a continuação desse espírito de piedade, dêsse arrependimento da causa dos sofrimentos de Jesus Cristo, facilitando a assistência a tais atos e determinando mais claras explicações para a compreensão de todos.

Recorda a S. Congregação de Ritos que a Igreja primitiva celebrava os episódios da Paixão "nos mesmos dias e horas em que aconteceram".

A Instituição da Santíssima Eucaristia rememorava-se na tarde da quinta feira com a missa solene. Também na tarde da sexta feira havia especial função litúrgica em memória da Paixão e Morte do Senhor, sendo dia de luto o sábado, com a vigília noturna que terminava na "glória da Ressurreição".

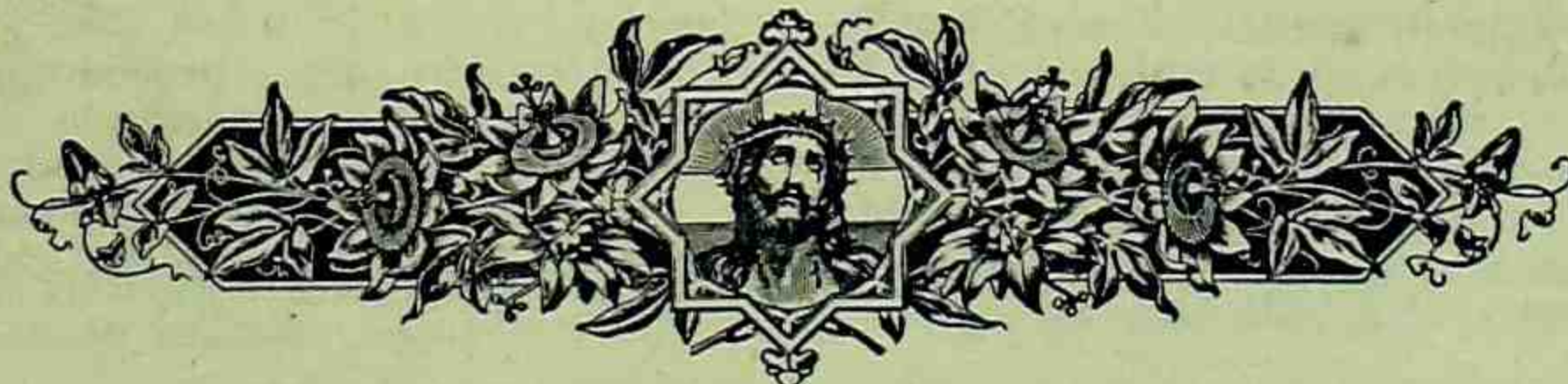
A Semana Santa

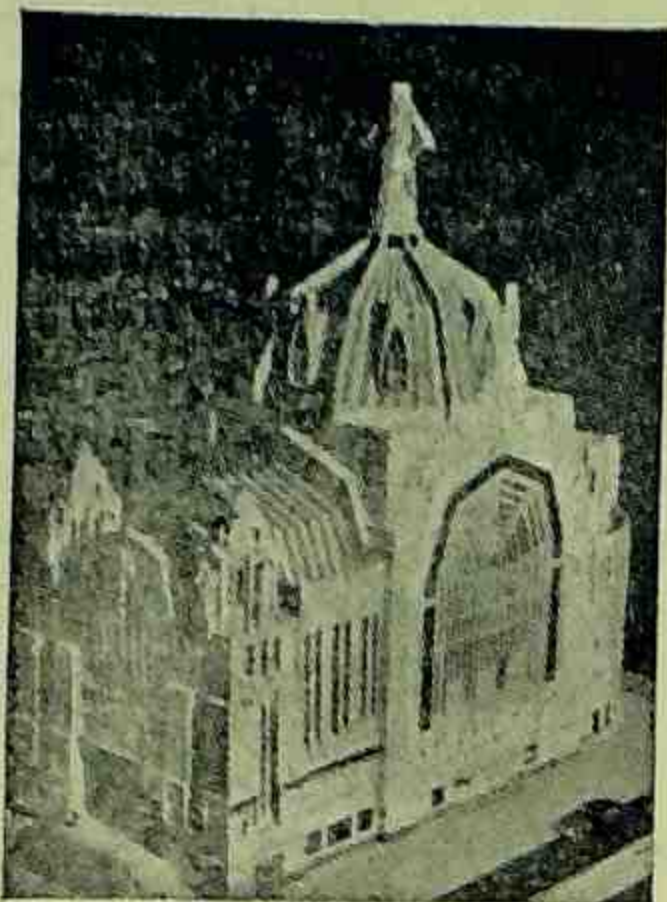
Nos séculos seguintes variaram estas cerimônias da Semana Santa. Mas hoje volta-se ao primitivo costume. A comunhão da quinta feira completa-se com a da sexta feira, podendo sacerdotes e fiéis comungar neste dia, para receber com mais abundância os frutos da redenção.

A reforma tem em vista o plausível desejo de restaurar o primitivo espírito. É um chamado à incorporação litúrgica, principalmente pela santa comunhão, que fica facilitada pelas horas em que se permite. A nova vigília do sábado santo é definitiva, depois da experiência de alguns anos. Fica ao melhor estudo dos srs. bispos a celebração vespertina ou noturna.

Um pormenor, todavia, não pode passar em silêncio na reforma litúrgica desta Semana. A supressão do "sábado de glória" deve influir na alma dos fiéis, suprimindo toda programação de cinema, bailes e espetáculos. Não ficam bem, com tais aberrações, a celebração da vigília pascal e a promulgação da lei canônica do jejum e o pensamento de que o Pai morreu para pagar as enormes falhas dos filhos.

Tenham-no presente os empresários. E se eles o esquecerem, guardem-no os fiéis que têm sentimentos dignos.





Templo dedicado ao Imaculado Coração de Maria, na Cidade do México (Colônia do Vale). Está rematado por uma vistosa imagem do Coração Imaculado



"Por que chamamos a Maria: "Mãe de Deus"? Pelo que é e para lhe ganharmos o seu Coração."

(Sto. Antônio M. Claret)



São Celestino, Papa, não pôde suportar as blasfêmias contra Nossa Senhora, negando-lhe o título de "Mãe de Deus". Reúne o Concílio de Éfeso, onde foi condenado Nestório, que morreu, sendo sua língua comida pelos vermes. No Concílio se decretou que à Ave Maria se acrescentasse o "Santa Maria, Mãe de Deus...", que tantos milhares de vezes pronunciaram já os nossos lábios com emoção santa na alma.



"Maria foi, desde o início, a vencedora do inimigo da salvação."

(Sto. Ireneu)

5 NOTÍCIAS MARIANAS

CELEBROU-SE EM QUITO

a VI Reunião Nacional da Juventude Católica das cinco Universidades do Equador. Os 52 delegados que nela participaram renderam solene homenagem a Maria, Rainha da Sabedoria. Houve distribuição de prêmios aos vencedores no concurso poético mariano, e os catedráticos da Universidade de Cuenca levaram aos ombros, na procissão, o andor com a imagem da "Virgem da Universidade".

NÃO AOS DIPLOMATAS,

senão às orações constantes de milhões de seus filhos, afirmou o primeiro Ministro austríaco, Julius Raab, num ato de ação de graças pela independência nacional, deve a Áustria sua liberdade. Por sua vez recordou o Cardeal Innitzer, Arcebispo de Viena, o gesto de Pio XII encomendando a Áustria, de um modo todo especial, à proteção de Nossa Senhora.

O LORD MAIOR DE LONDRES,

Sir Seyman Howard, esteve em visita oficial a Portugal, a convite do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e foi em peregrinação ao Santuário de N. Sra. de Fátima, acompanhado de altas personalidades da Inglaterra e Portugal.

NA HOMENAGEM

que anualmente se celebra em Califórnia, para comemorar a memória de Cristóvão Colombo, houve no ano passado uma nota de marianismo sumamente interessante. As Filhas de Maria Auxiliadora prepararam linda caleça, destacando-se em cima preciosa e atraente imagem do I. Coração de Maria. Entre os dizeres, que brilhavam em luzes de ouro, sobressaíam os seguintes: "Maria, nossa Mãe", "Rezai o Santo Têrço pela paz do mundo".

FESTEJANDO O 75.º ANIVERSÁRIO

da Aparição de Nossa Senhora aos fiéis do povoado de Maio, 25.000 irlandeses peregrinaram ao Santuário de N. Sra. de Rhock. Na hora em que acontecera a aparição, saía grandiosa procissão. Como peregrinos figuraram 200 enfermos.

PRÓXIMO CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL EM MUNICH (ALEMANHA)

CIDADE DO VATICANO — O Papa decidiu que o próximo Congresso Eucarístico Internacional será realizado em Munich, em 1960.

— O Trigésimo Congresso Eucarístico Internacional será realizado na cidade de Munich (Alemanha) em 1960 — segundo se revelou em fontes do Vaticano.

O último Congresso teve lugar no Rio de Janeiro.

De acôrdo com o procedimento até agora, será nomeado um delegado apostólico para presidir a reunião dos delegados eclesiásticos.

O Primeiro Congresso Eucarístico Internacional foi celebrado na cidade de Lille, França.

A AGONIA NO HORTO

Por F. H. SHEEN

A PÓS a Ceia foi Jesus com os Apóstolos para o Jardim de Gethsêmani e tudo mudou estranhamente. A humanidade, sabemos, foi redimida pela Paixão e Morte de Cristo, mas tendemos a esquecer a Paixão e nos concentrar sobre a Morte. O que é lamentável, tanto para entendermos a Redenção como para compreendermos Jesus Homem. O que aconteceu no Horto derrama sobre ambos enorme claridade. Em um sentido, o que ali aconteceu é A PAIXÃO, ou pelo menos seu ponto mais agudo.

Há um imenso contraste entre a real serenidade de Nosso Senhor na Ceia e Seu medo e agonia aqui, e o mesmo contraste existe, de novo, quando Ele sai do Jardim e sofre os motejos e o chicote e os pregos na cruz; Sua serenidade é, de novo, completa.

Importa saber que sofrimento Jesus temia com tanta angústia. Não foram simplesmente, nem principalmente os tormentos corporais, embora Ele os previsse a todos em cada detalhe e já sentia o seu horror na carne; outros homens passaram por estes tormentos. O motivo da angústia de Jesus era muito mais profundo. O profeta Isaías o profetizou, e São Pedro, que dormiu enquanto o Senhor estava em agonia, disse a mesma coisa: SUPORTOU EM SEU CORPO OS NOSSOS PECADOS SOBRE O MADEIRO (I, 2-24). Cristo Jesus, oferecendo-se pelos pecados do mundo, não somente tomou sobre Si o castigo que aqueles pecados mereciam, MAS OS PRÓPRIOS PECA-

DOS — excetuada a culpa —. Ora, o pecado, mesmo perdoado, pode deixar um peso esmagador na alma. A alma de Cristo recebeu o peso de TODOS os pecados da Humanidade. Esta foi Sua agonia, este o Cálice que Ele rogou não Lhe fôsse dado. E esta é a chave daquela misteriosa frase de São Paulo: **AQUELE QUE NÃO CONHECEU O PECADO, FÊZ-SE PECADO POR NÓS.**



O ANJO DA ORAÇÃO NO HORTO. — O divino Salvador nos mostra que a concessão de nossas súplicas depende de nossa confiança. Ele nos diz: "Tudo o que pedirdes na oração, crêde que o recebereis."

QUE A SANTA CRUZ DO SALVADOR esteja sempre plantada em nosso coração, a fim de que o nosso espírito seja enxertado nessa árvore de vida. — (São Paulo da Cruz.)

Parada Evangélica

DOMINGO DE RAMOS

) Mt. 21, 1-9)

Naquele tempo, aproximando-se de Jerusalém e chegando a Betfagé, junto do Monte das Oliveiras, enviou Jesus dois de seus discípulos, dizendo-lhes: "Ide à aldeia, que está defronte a vós, e logo encontrareis uma jumenta e o seu jumentinho com ela; desprende-a e trazei-ma. E se alguém vos disser alguma coisa, dizei que o Senhor precisa deles; e logo os deixará trazer." Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que tinha sido anunciado pelo profeta, que disse: "Dizei à filha de Sião: eis que o teu Rei vem a ti, manso, montado numa jumenta e num jumentinho, filho da que leva o jugo." E, indo os discípulos, fizeram como Jesus lhes ordenara. E trouxeram a jumenta e o jumentinho, e puseram sobre eles as suas vestes, e fizeram-no montar no jumentinho. E o povo, em grande número, estendia no caminho os seus vestidos; e outros cortavam ramos de árvores e juncavam com eles a estrada. E as multidões que O precediam, e as que iam atrás, gritavam, dizendo: "Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor!"

SARÇA ARDENTE

Jesus entra triunfante em Jerusalém!

Os fariseus, de todo enciumados, aparentando extraordinária prudência, pedem ao Herói divino chame à ordem os discípulos, proibindo-os de entusiasmar a massa delirante de povo.

— Eu vos digo que, se estes se calassem, as pedras bradariam, responde Jesus.

Há católicos que, levados do respeito humano, procuram dissuadir os corações generosos do apostolado ardente que desenvolvem.

HÁ SACERDOTES QUE NÃO SÃO SACERDOTES

ASSIM começou um afamado orador o seu celeberrimo discurso, em Notre Dame de Paris, num domingo de Ramos. Quando o Mestre entrou triunfante em Jerusalém, dois discípulos foram procurar a jumenta com o jumentinho, lançando-lhe os mantos. No entanto, outros que não eram discípulos, atiraram ao chão as vestes à guisa de tapetes, enquanto mulheres e crianças cortavam ramos de árvores e jubilosas os agitavam. Todos colaboraram a seu modo, pelo triunfo de Cristo. Do mesmo modo continuam as duas classes de amigos e admiradores de Jesus se empenhando pela glória do grande Rei: São os sacerdotes e os leigos. Estes também são sacerdotes porque, pelo batismo e confirmação, foram incorporados a Cristo — Sumo Sacerdote.

A diferença entre o sacerdócio dos que receberam o sacramento da ordem e o sacerdócio dos fiéis, reside neste ponto essencial: os primeiros exercem poder especial e direto sobre o corpo eucarístico e místico de Jesus. Em outras palavras: consagram, e perdoam pecados. Neste sentido há sacerdotes que não são sacerdotes.

Os católicos desenvolvem outrossim o sacerdócio, cooperando com a hierarquia para o estabelecimento do Reino de Deus. Imitam assim aqueles que, no domingo de Ramos, juncaram o solo de ramos e panos e gritaram a plenos pulmões: "Hosana ao Filho de Davi!"

O Apóstolo São Pedro deixa transparecer, na sua Primeira Carta (2, 5-9), o quanto pode o católico trabalhar pelo Reino de Deus no mundo: "Vós sois a linhagem escolhida, a classe de sacerdotes, reis, gente santa, povo de conquista. Sois também como pedras vivas edificadas em cima d'ele, como uma casa espiritual, como uma nova ordem de sacerdotes santos para oferecer vítimas espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo."

O apostolado externo supõe o apostolado interno. O Apóstolo, ao falar de "povo de conquista", acentua, em primeira plana, gente santa.

De modo algum podemos ser máquinas de Jesus. Devemos ser cálices cheios de Cristo, os quais, somente repletos, derramarão o espírito cristão no mundo das almas, para a conquista das almas a Cristo.



FOGO SAGRADO

Santa Teresinha do Menino Jesus, confinada num convento, salvou mais almas que muitos missionários juntos. Costumava doutrinar: "Não é, por assim dizer, mais excelso o apostolado da oração que o apostolado da palavra. De nós depende educar os operários do Evangelho, que mais tarde salvarão milhares de almas, das quais seremos mães espirituais."

Cada católico deve ponderar bem este asserto: O apostolado não é luxo, mas dever que arrima no mandamento do amor a Deus e do próximo e se desabrocha com o sol da oração.

“Tomai e comei”



A mística montanha de Hermão domina as regiões do Líbano, Síria e Palestina.

LOGO que Jesus se viu livre da presença do traidor, parecia não querer dissimular o desencanto que experimentava: “Agora foi o Filho do homem glorificado e Deus glorificado nEle.”

Lavou as mãos, mãos honradas de carpinteiro, mãos puras de sacerdote, mãos que abençoavam... Tomou o cálice de vinho, levemente aguado, e abençoou-o:

— Bendito sejas, Senhor, nosso Deus, que criaste o fruto da vida — recitava pausadamente, segundo o rito da ceia pascal.

Bebeu um pouco e ofereceu o cálice a Pedro, para que o passasse aos outros.

Trouxeram o cordeiro. Vinha espetado em dois paus atados em forma de cruz. Jesus sabia quem iria ser, no dia seguinte, o Cordeiro sacrificado pelos pecados do mundo.

Trinchou-o com delicadeza, abençoou-o

e distribuiu-o pelos discípulos. Ergueu ao alto o chamado Cálice de bênção, em que tocaram os lábios de todos.

Então Jesus, sabendo que naquele momento estava encerrada a Antiga Aliança feita entre Deus e os homens, entoou com majestade o Hallel, canto de ação de graças:

Aleluia! Louvai o Senhor porque é bom, porque a Sua misericórdia não tem fim.

Melhor é confiar no Senhor do que ter confiança nos homens.

Melhor é confiar no Senhor do que esperar nos príncipes.

O Senhor é a minha fortaleza e a minha glória, foi o Senhor a minha salvação.

Uma voz de louvor e salvação ressoa na morada dos justos.

Louvai o Senhor, porque é bom, porque a Sua misericórdia no tem fim...

Chegou, então, o momento culminante dos séculos. O momento que nunca anjos ou santos se atreviam a sonhar. O momento da infinita generosidade de Deus.

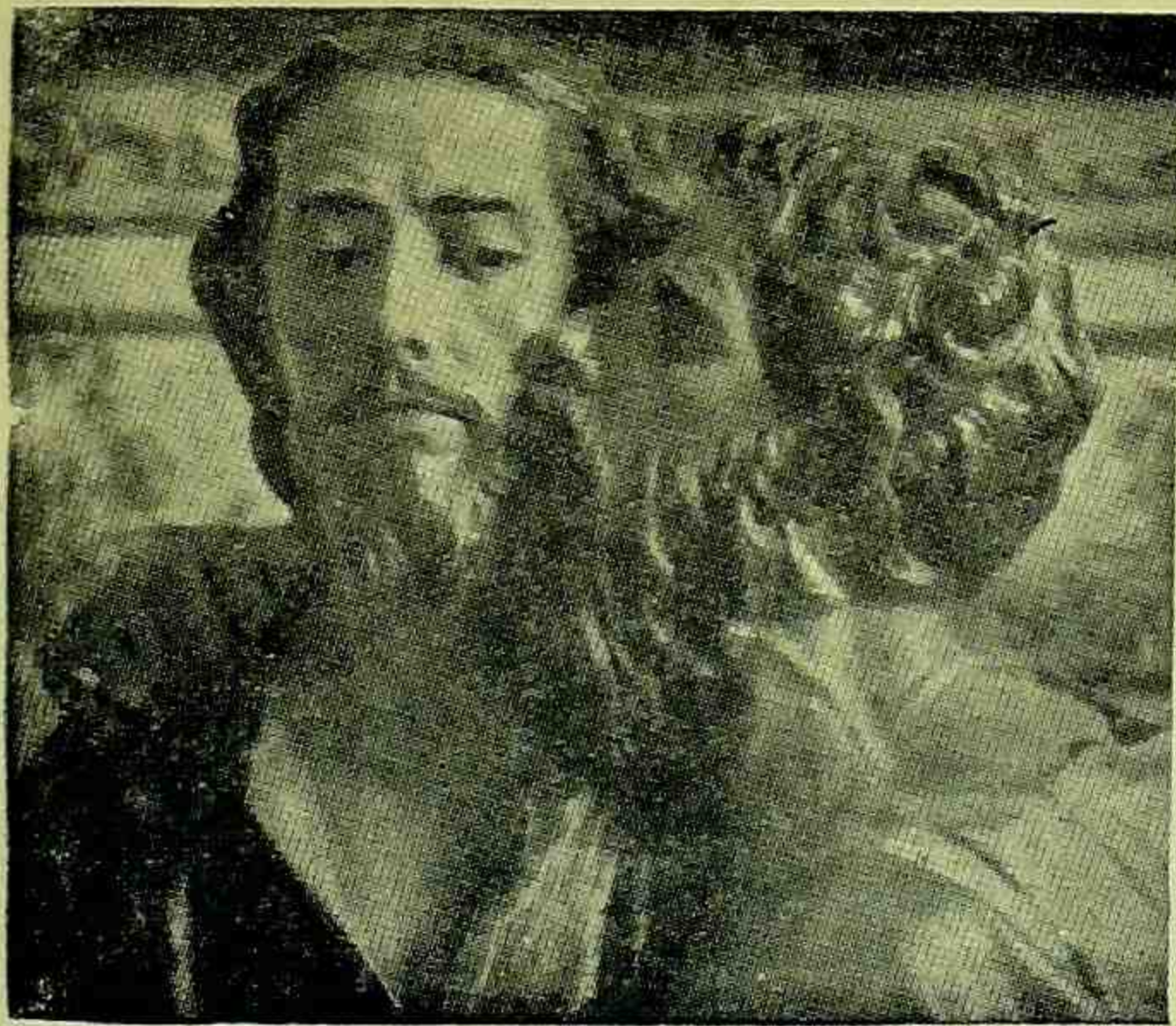
Tomou Jesus um pedaço de pão dos que estavam em cima da mesa, ergueu os olhos para Seu Pai, deu graças, partiu o pão, abençoou-o e deu-o aos discípulos, dizendo:

— Tomai e comei: Isto é o meu Corpo que é entregue por vós. Fazei isto em memória de mim.

Do mesmo modo tomou o cálice, deu graças e deu-lho, dizendo:

— Bebei dêle, todos, porque este é o meu Sangue do Novo Testamento que será derramado por vós e por muitos, em remissão dos pecados. Fazei isto sempre que beberdes, para vos recordardes de mim.

Isto é o meu Corpo... Isto é o meu Sangue... Palavras sinceras e terminantes que contêm um sentido único:



Na face santa de um Deus estala uma punhalada. Pela boca de Judas passa ao rosto de Jesus o maior aviltamento e a mais vil traição dum discípulo. Tudo pela ambição do dinheiro que naqueles tempos, como hoje, não respeita honras, consciências nem benefícios.



Deixai, Mãe querida, que as vossas lágrimas caiam no meu coração, para receberdes o pranto dum filho arrependido. Sois mais linda e amável quanto mais vos vejo sofrer pelo amor dêste filho!

A Jesus Crucificado

SANTA TERESA DE JESUS

*Não me move, Senhor, para querer-Te,
O céu que Tu me tens já prometido,
Nem o inferno me move tão temido,
Para deixar por isso de ofender-Te!*

*Tu me moves, Senhor, move-me o ver-Te
Cravado nesta cruz, e escarnecido,
Move-me ver Teu corpo tão ferido
E o sangue que, Tu morto, êle ainda verte.*

*Move-me o Teu amor, de tal maneira,
Que sem inferno ou céu, inda eu te amara,
Senhor, ou te temera a vida inteira.*

*Nada me debes para que eu Te queira,
Pois mesmo não esperando o que esperara,
Quisera em Teu amor ser a primeira.*

Trad. de E. V. de Moraes

Aquilo que parece pão é o Corpo de Jesus. Aquilo que parece vinho é o Sangue de Jesus. Ele pode tudo, porque é Deus; disse ao cego de nascença: Vê! e o cego viu. Disse ao leproso: Sê limpo! e o leproso ficou limpo. Disse à tempestade: Cala-te e a tempestade calou-se. Disse a Lázaro, morto havia quatro dias: Levanta-te e o morto ressuscitou.

Agora, diante do pão, diz: Isto é o meu Corpo; e o pão converte-se no Corpo de Jesus Cristo, o mesmo Corpo que está sentado à mesa. E com o Corpo está o Sangue, a Alma, a Divindade.

Depois, ante o vinho, diz: Isto é o meu Sangue. E o vinho converte-se no Sangue de Jesus. Fica a côr e o gôsto do vinho; já não é vinho, porém. É o Sangue do Filho de Deus. E com o Sangue está o Corpo, a Alma e a Divindade.

Nesta primeira Consagração do pão e do vinho fez Jesus um milagre, ou, para melhor dizer, uma série de milagres espantosos, inauditos... Pode haver alguma coisa impossível ao Filho de Deus?

Os onze Apóstolos não duvidaram um momento sequer. Presenciaram, no decurso de três anos, o poder absoluto da palavra de Je-

sus. Não podiam duvidar de que agora também se realizariam as palavras que dizia; e gratos e amantes, comeram e beberam sabendo que recebiam o Corpo e o Sangue do seu amado Senhor... Oh! aquela Primeira Comunhão de Quinta-feira Santa!

A.

FÉ INTRÉPIDA

A presidente das Filhas de Maria de uma cidade da China foi encarcerada, por não aderir à igreja nacional. Depois de um ano de cadeia, voltou à casa, sendo sempre vigiada. Impossibilitada de falar com o missionário, enviou-lhe a confissão por escrito.

Um dia o padre passa de bicicleta diante da casa da jovem heroína e, prévia combinação, lhe dá a absolvição. Para comungar, a jovem manda à feira uma irmã, que se encontrou com um moço da Missão que levava na teca duas partículas consagradas para as duas irmãs. Apesar de tôdas as tentativas da polícia, a jovem está disposta a morrer antes que abandonar a fé que abraçou no dia mais feliz de sua existência.



NOSSO SENHOR DOS PASSOS. — A piedade do povo simples e das almas generosas compadece-se do humilde e santo Nazareno, que tem à cabeça uma coroa e aos ombros pesado madeiro. Se foi profundíssima a ingratidão humana, promessas santas e obras de amor lhe testemunham o reconhecimento dos corações leais.

PADRE LUÍS SALAMERO, C. M. F.

No dia 11 dêste mês, pelas 6 horas da tarde, como bom filho do Imaculado Coração de Maria, voava às regiões infinitas do céu o exímio colaborador, acabado estilista e arguto pensador Pe. Luís Salamero, C.M.F..

Uma queda imprevista — falando humanamente — cortou-lhe os passos da vida. Ainda que operado com os melhores resultados, teve de permanecer, os quatro derradeiros meses, na mais absoluta imobilidade. E aquela natureza rija, fibrosa, resistente, em luta com a morte, deu-se por vencida ao entardecer do dia 11 dêste mês de Março.

* * *

Traços mais salientes de sua vida:

Nasceu a 5 de Janeiro de 1872.

Filiou-se à Congregação Claretiana no dia 15 de Agosto de 1889 e foi inscrito nas fileiras sacerdotais no dia 5 de Janeiro de 1896.

Na sua morte contava uma fôlha de 67 anos de serviços à vida religiosa e 60 à vida sacerdotal.

No dia 22 de Agosto de 1901 as portas do Brasil se lhe abriam. Róseos horizontes lhe acenavam ao trabalho tenaz, à mobilização de tôdas as suas fôrças, em prol da glória do Pai celestial e em bem das almas carecentes dos auxílios sacerdotais.

Incipiente ainda a fundação claretiano-brasileira, entregue por inteiro à prêgação das Missões populares, foram elas o campo peculiar do Pe. Salamero, desdobrando-se por diversas cidades e regiões, acompanhada de mestres tutelares e audaciosos, na seara imensa das almas.

* * *

Notaram-se-lhe logo os mais inatos pendores para o jornalismo. Mais do que a sua língua, corria sua pena. Se o verbo lhe recusava a vivacidade de expressão, com a impetuosidade de rio que avassala, com a insistência de onda que bate pertinaz até a derrubada

do rochedo, a palavra escrita era-lhe sol que espancava as trevas, bálsamo que confortava, arma que derrubava o inimigo. Restringido a êsse campo especial, estudava os assuntos, consultava livros e revistas, informava-se das últimas idéias e opiniões e debruçava-se sobre a mesa com paciência beneditina para redigir o artigo semanal que lhe saia ordenado, consciencioso, lógico, fluente e incontroverso. Não gostava de artigos improvisados a que, por força maior, quanta vez aparecem em re-

vistas e jornais. Os temas escolhia-os êle mesmo. Foram marcantes suas campanhas contra as seitas heréticas, sendo a maçonaria, o protestantismo e o comunismo os mais visados.

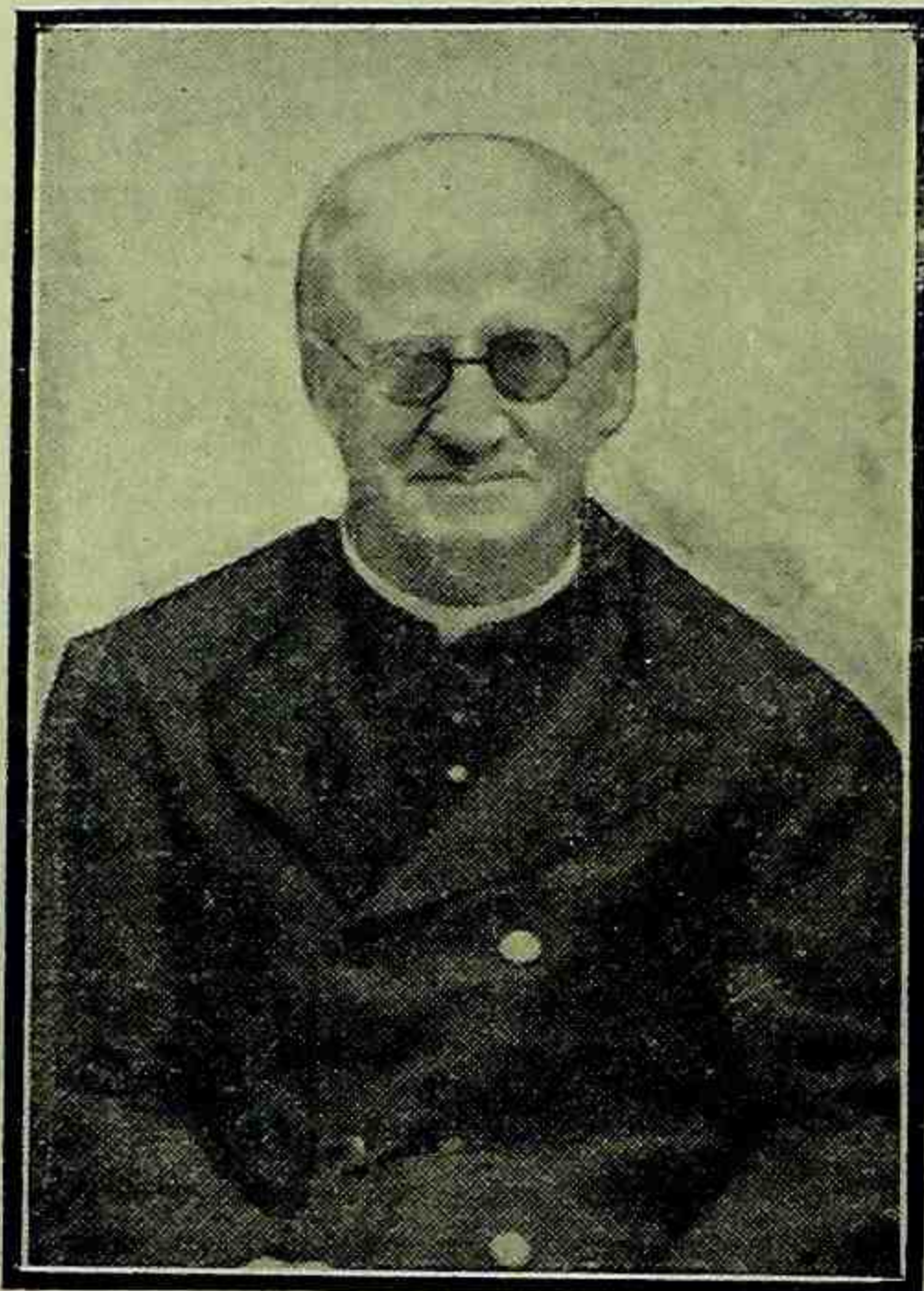
Num estilo atilado, com laivos de oratória, preferindo longos e resonantes períodos às frases incisivas, esmiuçava os argumentos e caía, ora paternal, ora ardente, sobre o êrro que exprobrava com as mais vivas côres e com as mais combativas apóstrofes. Percebia-se, a seguir, a reação produzida: acentuada repulsação ao êrro por parte dos leitores católicos e saraivadas de cartas malcriadas, ameaças e violências contra o redator dos temidos artigos, nas fronteiras adversas.

E pensavam muitos, orientados pelo estilo, que era um mo-

ço violento, irreflexivo, quando era um ancião de 84 anos...

Estava bem calejado nas tarefas da imprensa, depois de cerca de 47 anos de colaborador da revista "AVE MARIA", que foi para êle seu púlpito e sua cátedra, e da qual foi ainda diretor em dois períodos sucessivos, de 1909 a 1915 e de 1921 a 1924.

Até os derradeiros dias de sua doença, permaneceu como bom religioso e acabado sacerdote. Os louros da terra ter-lhe-ão reverdecido para sempre nos jardins celestes. Sobre seu sepulcro deixamos o aroma de nossa oração e a lágrima de nossa saudade. Pelo seu eterno repouso pedimos uma prece ardente.



Padre Luís Salamero, C.M.F.

BEATI MORTUI QUI IN DOMINO MORIUNTUR.

A batina dum mártir

A chacinada vermelha chegava ao fim dos desvarios e insânias. Deixando atrás ruínas e mortes, os comunistas batiam em retirada perante o martelar vigoroso dos canhões nacionalistas.

Saudava-se em brados a aurora da vitória. Respirava-se o ar da liberdade, depois da opressão e tirania vermelha. Em tôdas as povoações, em tôdas as estradas, o exército de Franco era aclamado.

Na entrada de uma vila estava uma senhora vestida de luto. Segurava nas mãos retalhos de pano escuro. Era a mãe do vigário, assassinado vilmente pelos vermelhos. Ela esperava pela chegada das tropas salvadoras, apertando ao peito a roupa escura. Ao primeiro soldado que entra na povoação, estende a mão descarnada, dizendo-lhe com voz rouquenha, quase apagada pela dor:

— Só tenho isto para oferecer à Espanha: é a batina de meu filho.

Aquêl filho que lhe mataram os inimigos de Deus e da Pátria, fôra vigário poucos anos. Foi um espelho sacerdotal. Vivia para Deus e para o próximo. Amava com predileção os pequeninos, dando-lhes o pão do catecismo. Por êsse "crime", em nome da liberdade martirizaram seu corpo na praça da aldeia, amararam-lhe uma corda ao pescoço e o arrastaram brutalmente pelas ruas.

Largaram-no depois na roça. Ali esteve sua mãe, sòzinha. Lavou-lhe as feridas, assistiu-o na agonia e com mãos trêmulas, como a segurar um paramento sagrado, tirou-lhe a batina, amortalhou-o com uma mantilha branca para enterrá-lo ali no campo.

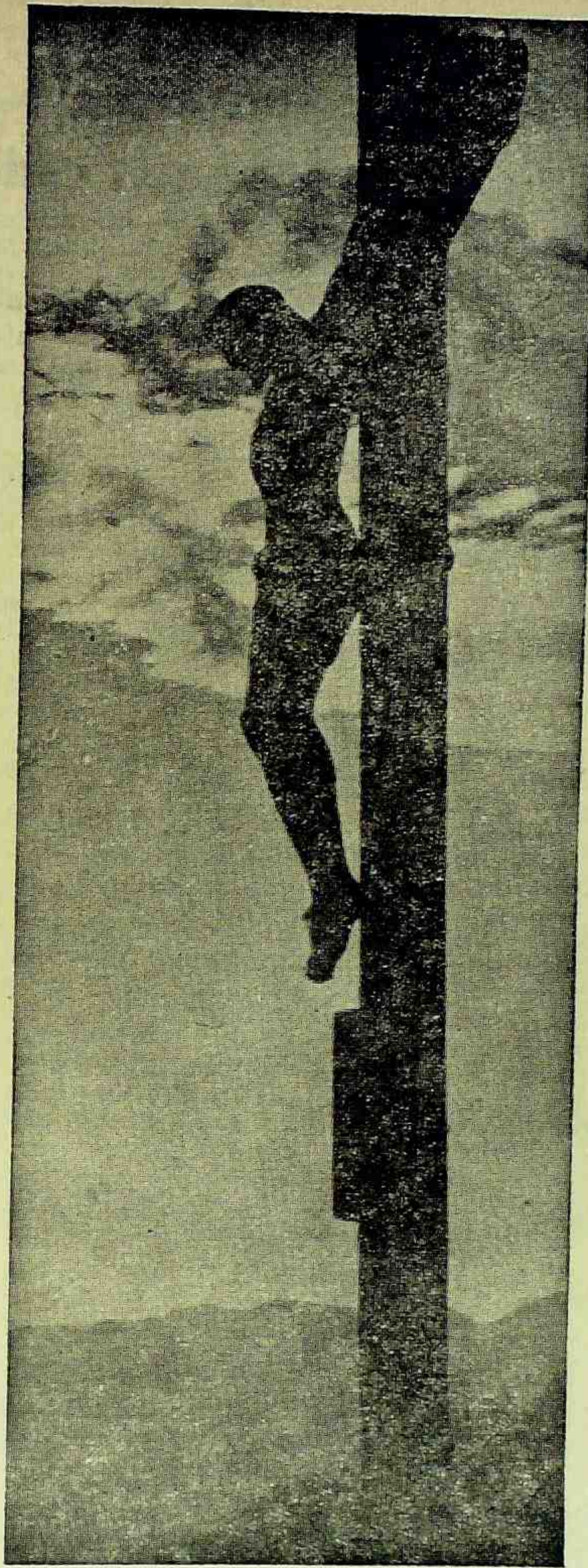
A batina era um punhado de trapos impregnados de sangue, pó e lama das ruas e estradas.

O General do Exército Nacionalista ordenou que se levantasse um altar sôbre o pobre sepulcro do vigário assassinado. Por frontal, a bandeira espanhola. O capelão do regimento vestiu aquêl pedaço de batina para celebrar o S. Sacrifício.

A mãe ao lado do glorioso General, na frente dos soldados.

Sentiu arroubos de emoção e enlevos do céu quando a Hóstia se levantava aos acordes dos clarins de triunfo, entre guerreiros ajoelhados e bandeiras curvadas.

Sonhara ter um filho padre, um filho mártir, um filho santo... e naquelas horas de amargura recebera a graça sonhada, a graça tão desejada.



A CRUZ DA REDENÇÃO

Ao nascer da aurora, como ao pôr do sol, brilha sempre a silhueta extática do divino Crucificado. Nos crepúsculos da vida, que são as horas derradeiras da existência, ou nas tempestades da alma, que são as tentações de desânimo ou desespero, olhemos sempre êsse Redentor pregado na cruz, e abracemo-nos com sua cruz e com seus amargos sofrimentos.

Solene cerimônia na Basílica de São Pedro pelo aniversário de Pio XII

A missa foi celebrada no altar papal pelo Cardeal Eugene Tisserand, decano do Sacro Colégio — O local estava inteiramente tomado pelos fiéis — Os coros da capela entoaram “Tu es Petrus” — Sua Santidade intensamente aplaudido pela multidão — A bênção “Urbi et Orbi”

CIDADE DO VATICANO — O Papa Pio XII assistiu, na Basílica de São Pedro, à cerimônia solene comemorativa do 17.º aniversário de sua coroação como Pontífice e de seu 80.º aniversário natalício. Todas as partes do mundo estavam representadas na basílica, por mais de 50 delegações especiais, vindas mesmo de países que, como os Estados Unidos, o Canadá, a Suíça, o Vietnã Meridional, a Etiópia, não mantém relações diplomáticas com a Santa Sé Apostólica.

A missa foi celebrada no altar papal pelo Cardeal Eugene Tisserand, decano do Sacro Colégio.

A basílica Vaticana estava ornamentada como por ocasião das grandes circunstâncias. Lustres de cristal brilhavam com seus milhares de lâmpadas e a iluminação indireta valorizava as menores minúcias da arquitetura do maior santuário do mundo, cujos pilares estavam revestidos de tapeçarias “grená” e ouro de Alexandre VI. O trono papal estava ao fundo da ábside, sob o pátio. De ambos os

lados da ábside, imensas tribunas estavam reservadas às delegações especiais, compreendendo ministros encarregados e altos dignitários de países até mesmo não católicos. Diante das tribunas, os bancos, recobertos de tapeçarias, destinados aos cardeais. Outras tribunas, em torno do altar, acolhiam os representantes das Ordens de Malta, em suas túnicas escarlate, e do Santo Sepulcro, os parentes do Papa, membros da nobreza de origem papal, grupos importantes de peregrinos. Os demais espaços estavam preenchidos pela multidão de fiéis, que os lotavam inteiramente.

Quando as trombetas de prata da Guarda Nobre soaram, as primeiras aclamações se fizeram ouvir sob a nave imensa. O Papa ia chegar.

O cortejo papal desfilou entre a dupla fileira de Guardas Palatinos, alinhados na nave central, diante da multidão contida por barreiras de madeira.

Os coros da capela entoaram “Tu es Petrus”. Os aplausos redobram de intensidade. O Papa aparece, carregado sobre a “sedia”. Com a mitra branca e envolvido em sua capa branca, pálido e firme, Pio XII bendiz a multidão. Uma verdadeira floresta de mãos se eleva, na esperança de tocar suas mãos, que, num gesto de afeição, o Papa estende para a multidão, dando-lhe sua bênção.

Rodeada do aparato tradicional, a “sedia”, transportando o Sumo Pontífice, avança lentamente, ao passo ritmado de seus portadores. Os vivas continuam, entremeados ao som do “Tu es Petrus”.

As aclamações por fim cessam quando a “sedia” chega ao pé do trono. O Papa se recolhe por alguns instantes, ajoelha-se no genuflexório, e depois se instala no trono, tendo à sua direita o príncipe assistente, de uniforme negro do século XVI e “jabot” de rendas. Os cardeais a seguir desfilam diante dele, para o ato de obediência. Pio XII os abraça, depois de lhes ter dado a mão a beijar. A missa começa, no altar da Confissão. O Cardeal Tisserand oficia, assistido dos mestres das cerimônias pontifícias. O Papa recita com êle preces do ofício divino e lê a epístola dos Evangelhos.

No momento da Elevação da hóstia, soam as trombetas de prata, chamando os fiéis a se recolherem. Ao comando de seus oficiais, também os membros da Guarda Suíça dobram os joelhos.

Ao término do sacrifício divino, é o próprio Papa quem dá a bênção à assistência, antes de novamente instalar-se na “sedia”. As aclamações da multidão se renovam, até que o



“O que me amou e se entregou a Si mesmo por mim!” (S. Paulo ad Gal. 2, 20.)

— NÃO É INÚTIL A TUA VIDA —

Torna-se impossível avaliar a extensão e eficácia que tem o sofrimento. Quando sofremos, unidos a Quem tanto sofreu por nós, o sangue dos sacrifícios regenera outras almas, atrai graças, perdoa dívidas, afasta castigos.

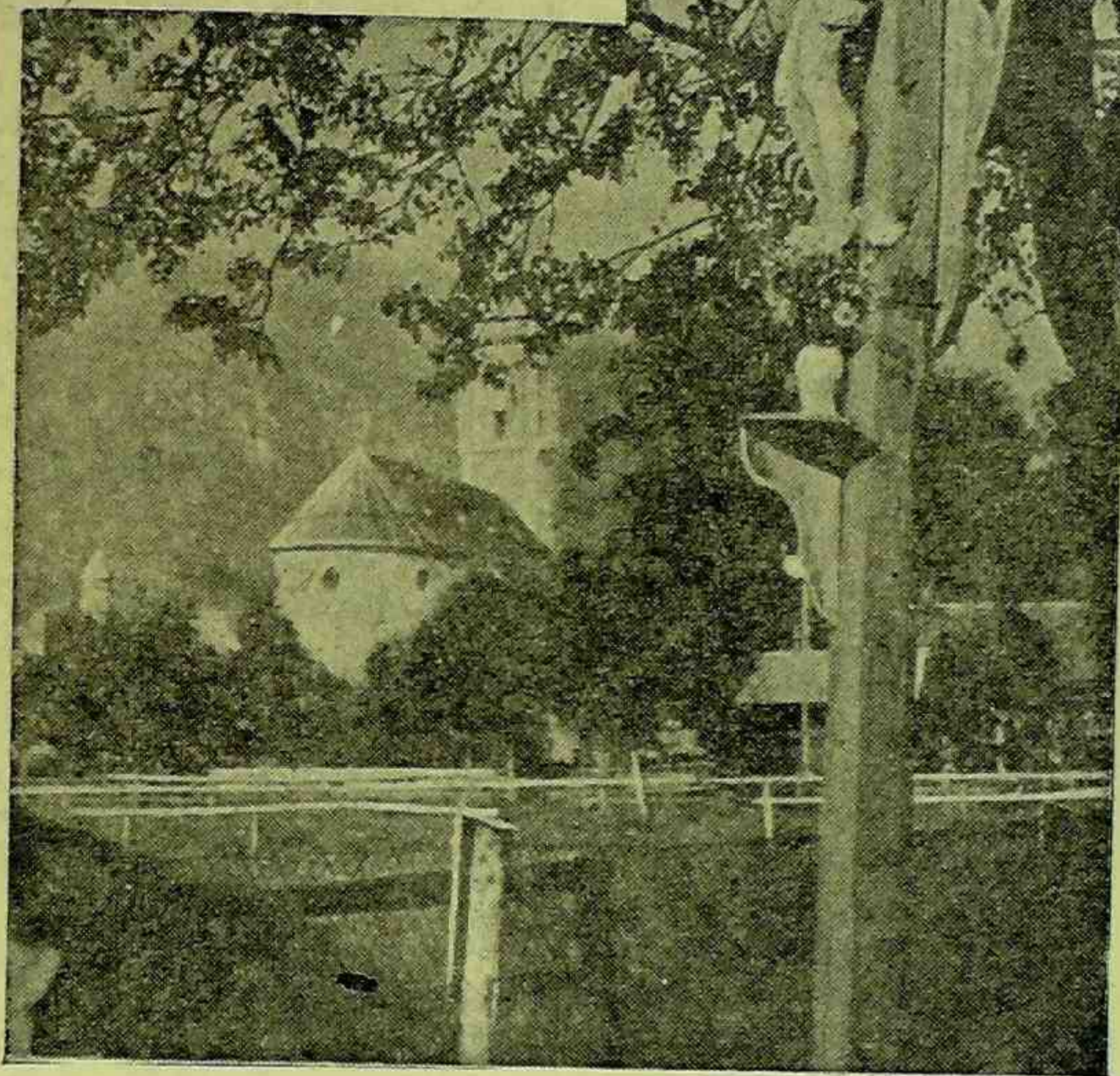
É a própria alma padecente a primeira a gozar dos proveitos imensos do sofrimento, pois não se conhece melhor obra de amor que dar a vida por quem se ama. E Deus a ninguém ama tanto como à alma que se deixa queimar na fogueira ardente da dor.

Não digas que é inútil tua vida. Mais que todo o ouro dos Bancos, vale o ouro de teus pequenos ou grandes sacrifícios.

Papa se aproxima do fundo da nave, de onde desaparece aos olhos da assistência, porém não sem antes dar uma última bênção aos fiéis.

Ao deixar a Basílica, S. S. Pio XII se dirige à capela da Trindade, onde se despede dos cardeais, indo, a seguir, num elevador, à "loggia" das bênçãos, para dar a bênção à multidão que, apesar do frio e da chuva, sob seus guarda-chuvas aguardava o momento de ver o Papa surgir à janela do Palácio do Vaticano. A um sinal dos prelados que acompanhavam o Papa, a multidão se cala, e a voz de Pio XII se eleva, ampliada por alto-falantes. Pio XII, dando sua bênção apostólica, pede os favores celestes para "a cidade e o mundo", "Urbi et Orbi". A multidão se ajoelha no pavimento molhado pela chuva, e se persigna. A bênção é dada em latim e depois em italiano. Antes de retirar-se, o Sumo Pontífice respon-

de paternalmente, com acenos de ambas as mãos, às entusiásticas aclamações dos fiéis.



O valor dos padres

O passageiro voltava da América em rico navio. Como o dinheiro lhe saía até pelos bolsos — tão rico era! —, não se importava de Deus, de religião, e via com olhos de onça a presença de um sacerdote, pobre e humilde, que também estava ali no navio.

— Para que servem os padres? Não vi coisa mais inútil! Nunca necessitei deles nem eles de mim. Esta é a verdade — dizia diante de outro passageiro, que calava e parecia dormir.

Em dado momento, achando estar dormindo este seu companheiro, abre a valise para deliciar-se nas fabulosas notas de Banco, nas riquezas que possuía e que iam bem além das do afortunado Creso da história antiga.

Quando assim estava, com as notas espalhadas, o que parecia estar dormido levanta-se, de revólver em mão, e ameaça o ricoço, dizendo:

— Mãos ao alto! Se gritares, ficarás fulminado por um tiro!

E começou a roubar-lhe o dinheiro. O ricoço está atônito, pede, mas em vão.

Roubado o dinheiro e ainda com o revólver em punho, o companheiro obriga-o a sentar-se.

— Agora, conversemos. Há pouco disse-me o sr., repetidas vezes, que não precisava de padres nem queria saber deles nem sabia para que vivem.

Guarda o revólver, devolve-lhe o dinheiro e conclui:

— Um padre vigário me ensinou que não se deve roubar, que devo respeitar a vida alheia e que tudo isso devo fazê-lo por amor de Deus, por esse Deus que o sr. infelizmente desconhece. Pois dê graças a esse padre. Por ele, não fica o sr. sem o dinheiro e não o sepultei no mar. Para isso servem os padres; ainda que só para esse fim servissem, já era muito: ensinaram-me a não roubar seu dinheiro e a respeitar sua vida.

Consultório Popular

P. 3.034.* — Existe São Gonçalo? Se existe, por que não há imagem dêle nas igrejas?

R. — Há dois santos com o nome de Gonçalo: São Gonçalo de Amarante e São Gonçalo de Galícia.

Não se coloca a imagem de São Gonçalo em tôdas as igrejas, pela mesma razão por que não se colocam as imagens dos mártires da Legião Tebana e dos milhares e milhares de santos da Igreja. Não há lugar para as imagens de todos os santos do céu. De ordinário, só figuram nas igrejas as imagens dos santos mais conhecidos e venerados no lugar. Onde São Gonçalo é venerado, sua imagem é encontrada na igreja, como acontece, por exemplo, na paróquia de São Gonçalo, na Diocese de Campos (Est. do Rio).

P. 3.035.* — Posso ler os livros: "Serra Brava", de Barros Ferreira; "A Culpa Alheia", de Henri Ardel; "A Aliança Partida", de Charlotte Braeme, e "O Segrêdo de Mariana", de Maria de Miêre?

R. — "Serra Brava", "A Culpa Alheia" e "A Aliança Partida" são desaconselháveis. "O Segrêdo de Mariana" não oferece inconvenientes.

P. 3.036.* — Onde poderei encontrar discos de músicas religiosas?

R. — Na Livraria São Paulo, Caixa Postal 8107, SÃO PAULO.

P. 3.037.* — Posso ler o livro "A Cruz de Caravaca"?

R. — Não pode. É um livro em que, ao lado de algumas orações boas, figuram muitas supersticiosas e tolas, com muitos erros e invencionices a que não se deve dar crédito.

P. 3.038.* — Uma pessoa católica pode consultar espíritas, cartomantes, adivinhos e macumbeiros?

R. — Não pode. Se o fizer, negará na prática o que afirma crer quando reza o "Credo", e cometerá pecado grave contra o 1.º Mandamento.

P. 3.039.* — Em que convento poderia recolher-se uma moça que errou na vida e não deseja entregar-se a uma vida de pecado? Não há um convento dêstes em Belo Horizonte?

R. — Em Belo Horizonte há o Convento do Bom Pastor, que cuida da regeneração das moças caídas e preservação das que se acham em perigo. O enderêço é o seguinte: Asilo Bom Pastor, Rua Lindolfo Azevedo, Caixa Postal 530, BELO HORIZONTE.

Pe. WANDERLAN L. GAMA, C.M.F.

Caixa Postal 153
CURITIBA (Paraná)

Que sêde!

"SITIO!"



E. Vilhena de
Moraes

Do velho poço à beira, onde Jacob a ardente
Sêde matara outrora, um dia, fatigado
De longo jornadaear, chegaste, ao sol poente,
E viste uma mulher com seu cântaro ao lado.

— "Dá-me tu de beber!", e a mulher, displicente,
Sem conhecer o Mestre, acedeu de mau grado,
Mas, em troca, Lhe deste, Água Viva presente,
A palavra divina e o perdão do pecado.

Foi só o que pediste, autor do mundo inteiro,
Aos homens maus e vis. Agora, no Madeiro,
Onde salvas da morte eterna a raça humana,

Pedes água, outra vez, como à Samaritana:
Dão-Te fel e vinagre! E Tua sêde não calmas,
Porque é a sêde, Senhor, que tens das nossas almas!...

Os noivos



Mas, e aquela que nunca formulara para além d'esses montes nem sequer um desejo fugitivo, aquela que havia concentrado n'elles todos os designios do futuro, e d'elles é tangida para longe por uma fôrça perversa? E aquela que, simultâneamente despegada dos seus mais caros hábitos e estorvada nas suas mais caras esperanças, deixa êsses montes, para dirigir-se ao meio de desconhecidos que nunca desejou conhecer, e não pode com a imaginação entrever um momento fixado para a volta? Adeus, casa nativa, onde, sentada, com um pensamento oculto, aprendeu a distinguir do rumor dos passos comuns o rumor de um passo esperado com misterioso temor. Adeus, casa ainda estranha, casa tantas vezes olhada furtivamente, de passagem, e não sem rubor; na qual a mente figurava uma mansão tranqüilla e perpétua de espôsa! Adeus, igreja, aonde a alma voltou tantas vezes serena, cantando os louvores do Senhor; onde estava prometido, preparado um rito; onde o suspiro secreto do coração devia ser solenemente abençoado, e o amor ser imposto, e chamar-se santo; adeus! Aquêlê que tanta jucundidade vos dava está em tôda parte; e nunca perturba a alegria de seus filhos senão para lhes preparar uma alegria mais certa e maior.

De tal gênero, senão tais justamente, eram os pensamentos de Luzia, e pouco diversos os pensamentos dos dois outros peregrinos, enquanto a barca se aproximava da margem direita do Adda...

CAPÍTULO IX

O topar da barca contra a margem sacudiu Luzia, que, depois de enxugar em segredo as lágrimas, levantou a cabeça, como se acordasse. Renzo foi o primeiro a sair, e deu a mão a Inês, que, saindo também, a deu por sua vez à filha; e todos três agradeceram tristemente ao barqueiro. "De quê?" respondeu êste; "nós estamos neste mundo para nos ajudarmos uns aos outros"; e, quase com horror, como se lhe propusessem roubar, retirou a mão quando Renzo procurou fazer escorregar nela uma parte do dinheiro que trazia consigo, e de que se havia provido naquela noite com a intenção de presentear generosamente Dom Abbondio quando êste, mau grado seu, o houvesse servido. A carriola ali estava pronta; o condutor cumprimentou os três esperados, fê-los subir, deu qualquer sinal com a voz à alimária, uma chicotada, e toca!

O nosso autor não descreve essa viagem noturna, cala o nome do lugar para onde Frei Cristóvão mandara as duas mulheres; antes, protesta expressamente não querer dizê-lo. Do progresso da história infere-se depois a razão d'êstes asteriscos. As aventuras de Luzia nesse lugar acham-se envolvidas num enrêdo te-

nebroso de pessoa pertencente a uma família, ao que parece, muito poderosa ao tempo em que o autor escrevia. Para explicar a estranha conduta dessa pessoa neste caso particular, teve êle pois de contar-lhe também sucintamente a vida pregressa; e a família faz aí a figura que verá quem quiser ler. Mas aquilo que a circunspecção do pobre homem quis subtrair-nos, as nossas diligências fizeram-no achar alhures. Um historiador milanês * que teve de fazer menção dessa própria pessoa, não nomeia, é verdade, nem ela nem o lugar; mas dêste último diz que era um burgo antigo e nobre, ao qual de cidade faltava o nome; noutro lugar diz que ali passa o Lambro; alhures, que há ali um arcepreste. Do cotejo d'êstes dados deduzimos tratar-se de Monza, sem mais nem menos. No vasto tesouro das induções eruditas, podê-las-á haver realmente mais finas, porém mais seguras não creia eu. Poderíamos também, sôbre conjeturas mui fundadas, dizer o nome da família; mas, embora ela esteja extinta já há muito, parece-nos melhor deixá-lo na pena, para nos não arriscarmos a fazer mal nem mesmo aos mortos, e para deixarmos aos doutos algum objeto de pesquisa.

Os nossos viajores chegaram, pois, a Monza, pouco depois do nascer do sol: o condutor entrou numa estalagem, e ali, como prático do lugar e conhecido do dono, fêz-lhes dar um quarto e acompanhou-os até êle. Por entre os agradecimentos, tentou também Renzo fazer-lhe receber algum dinheiro; porém, tal como o barqueiro, tinha êle em mira outra recompensa, mais remota, porém mais abundante; retirou as mãos também, e, como que fugindo, correu a governar a sua alimária.

Após uma noite como a havemos descrito, e uma noite como cada um pode imaginar, passada em companhia daqueles pensamentos, com o receio incessante de algum encontro desagradável, ao sôpro de uma brisa mais do que outonal, e por entre os contínuos solavancos da incômoda viatura, que acordavam brutalmente qualquer d'elles que mal começasse a pregar olhos, a todos três não pareceu verdade o se sentarem num banco firme, num quarto, qualquer que fôsse. Almoçaram conforme permitiam a penúria dos tempos, e os escassos recursos em proporção das contingentes necessidades de um futuro incerto, e o pouco apetite. A todos três lhes passou pela mente o banquete que, dois dias antes, esperavam fazer; e cada qual soltou um grande suspiro. Renzo gostaria de ficar ali ao menos todo aquêlê dia, ver as mulheres instaladas, prestar-lhes os primeiros serviços; mas o padre recomendara a estas despacharem-no logo pelo seu caminho. Alegaram, pois, elas essas ordens e cem outras razões; que o povo falaria, que a separação mais retardada seria mais dolorosa, que breve êle poderia vir dar notícias e recebê-las; de modo que êle se resolveu a partir. Combinaram, como puderam, a maneira de se tornarem a ver o mais depressa possível. Luzia não escondeu as lágrimas; Renzo a custo conteve as suas, e, apertando fortemente a mão de Inês, disse com voz sufocada: "Até nos vermos", e partiu.

(Continua)

*) Josephi Ripamonti, *História Pátria*, Decadís V, Lib. VI, cap. III, pág. 358 e segs..

CATEQUISTAS!!!

Meu Álbum de Catecismo

O atrativo de tôdas as crianças! Adotar para o ensino do catecismo nas matrizes e escolas o sistema do **MEU ALBUM DE CATECISMO**, é garantir a assistência dos pequenos.

Um verdadeiro êxito editorial! As cinco grandes edições, rapidamente esgotadas, são o melhor argumento do êxito alcançado pelas nossas catequistas com o **MEU ALBUM DE CATECISMO**.

Álbum com a coleção de santinhos . . .	1 exemplar	Cr\$ 9,00
Álbum sem a coleção de santinhos . . .	1 exemplar	Cr\$ 5,00
	50 exemplares	10% de desconto
	100 exemplares	20% de desconto
	500 exemplares	30% de desconto

Adquira, para suas explicações, os livros complementares:

A LEI DE DEUS: Cr\$ 10,00 — A SEMENTE DIVINA: Cr\$ 30,00

Livraria da "AVE MARIA" - R. Jaguaribe, 761 - Caixa 615 - São Paulo

ATENDEMOS POR REEMBÓLSO POSTAL

Atelier Decorações Restaurações Arte Sacra

HENRIQUE ZURAWSKI

RUA SAMPAIO GÓIS, 40 (Final Av. IV Centenário — SÃO PAULO — Parque Ibirapuera)

Altars em mármore nacional, especialmente mármore sintético de todos os tipos e côres, inclusive para revestimento de fachadas, paredes, colunas, escadas, pisos e execução de serviços em granilite, etc..

Anjos, Candelabros, Crucifixos, Calvários, Via-Sacras e Imagens Sacras de todos os tamanhos e Invocações, artisticamente trabalhadas em cartonpierre e cimento branco, Imagens estilo antigo. Modelagens especiais, consêrto e pintura.

Secção especializada de escultura e decorações em gesso e cimento, para revestimento interno e externo.

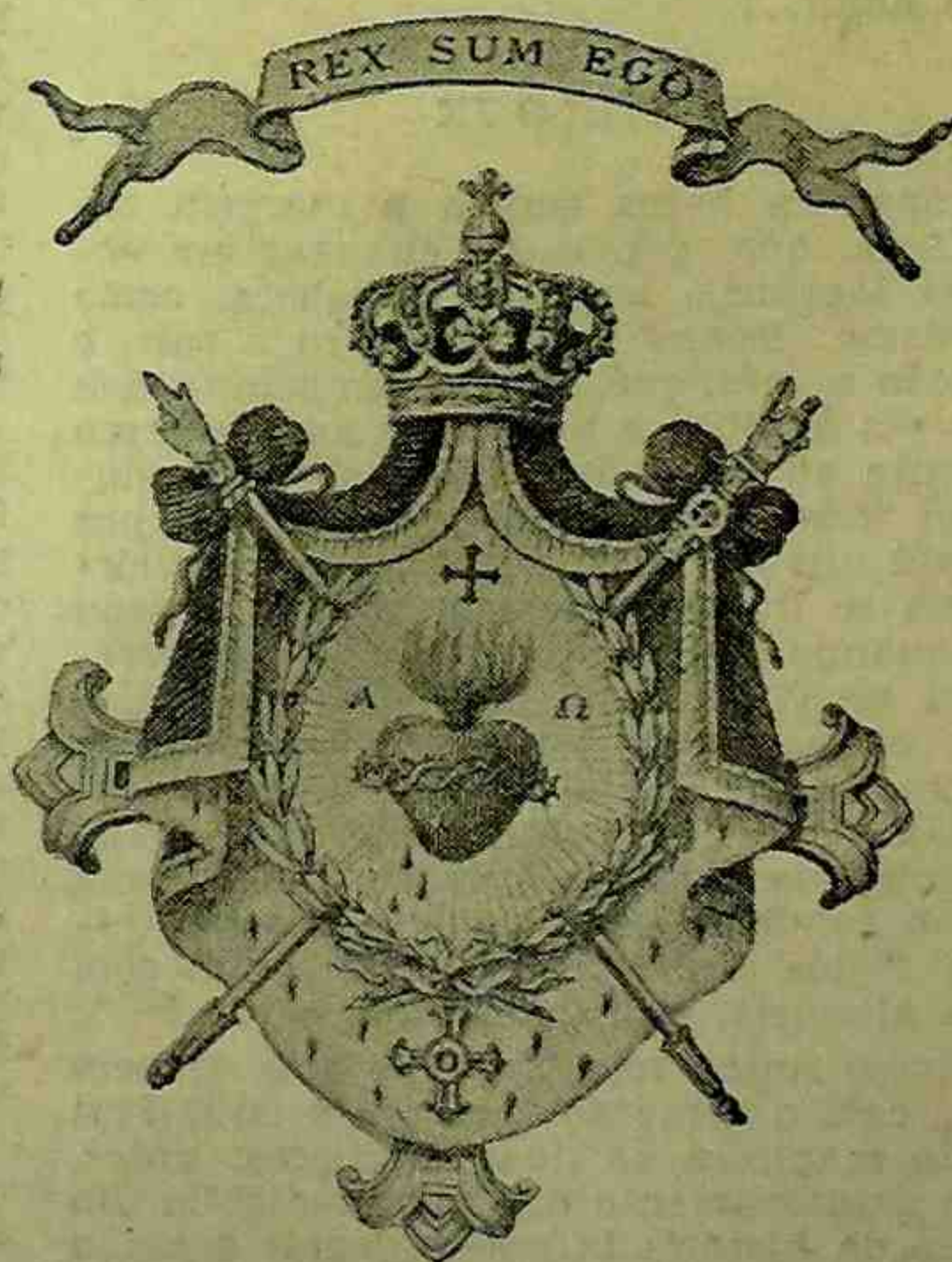
Restaurações de Altars, Consolos, Púlpitos de madeira, pintura imitação marfim, bronze, mármore, etc..

Decorações artísticas, a óleo, de igrejas e capelas.

Decorações a ouro e prata em fôlha, legítimo 22 quilates.

Especialidade em execução de Ferros de Gesso com luz indireta fluorescente.

Como comprovante de meus conhecimentos, apresento a Igreja-Matriz Nossa Senhora de Sion, em Suarão (Praia Grande), ocupando o terceiro lugar das maiores já construídas no litoral paulista, do REVMO. PADRE PEDRO BALINT (Círculo Operário do Ipiranga, C.O.I.)



Desenhos, estudos e orçamentos sem compromisso, para qualquer parte do Brasil.
Recados pelo telefone 63-4488 (C.O.I.)